

O cinismo e as práticas de existência como ensino para a vida

Cynicism and practices of existence as teaching for life

El cinismo y las prácticas de existencia como enseñanza para la vida

David da Silva Pereira¹

Silvana Dias Cardoso Pereira²

Resumo: Trata-se de uma investigação das práticas de existência como ensino para a vida. A releitura de A Coragem da Verdade revela um caminho possível de resgate dessa questão na relação mestre-discípulo filosófica que encontra reflexões na ideia de Filosofia como armadura de vida. Cuida-se de um escrito teórico acerca das possibilidades de reflexão levantadas pelo filósofo francês nesse Curso. Diz respeito ao que somos e ao que dispomos nesse encontro com o outro. Com raiz na prática socrática, essa derivação cínica da Filosofia Antiga pode ser pensada como uma atividade de ensino em meio à rua, em campo aberto. Dessa forma, pretende-se resgatar elementos dos cínicos para pensar o presente das práticas de ensino e problematizar o dizer-verdadeiro do mestre dentro e fora da sala de aula.

Palavras-chave: Cinismo; Foucault; Práticas de ensino.

Abstract: It is an investigation of the practices of existence as teaching for life. The re-reading of The Courage of Truth reveals a possible way to rescue this question in the philosophical master-disciple relationship that finds reflections in the idea of Philosophy as the armor for life. It is a theoretical writing about the possibilities of reflection raised by the french philosopher in this Course. It concerns what we are and what we have in this encounter with the other. Rooted in Socratic practice, this cynical derivation of Ancient Philosophy can be thought of as a teaching activity in the middle of the street, in an open field. In this way, it is intended to rescue elements from the cynics to think about the present of teaching practices and to problematize the true-telling of the master inside and outside the classroom.

Keywords: Cynicism; Foucault; Teaching practices.

Resumen: Es una investigación de las practicas de revela una vía posible para rescatar esta cuestión em la relación filosófica maestro-discípulo que encueta reflejos en la idea de Filosofía como coraza de la vida. Se trata de un escrito teórico sobre las posibilidades de reflexión planteadas por el filósofo francês en este Curso. Se trata de lo que somos y de lo que tenemos en este encuentro con el outro. Arraigada em la práctica socrática, esta derivación cínica de la Filosofía Antigua puede pensarse como una actividad docente em plena calle, em campo abierto. De esta forma, se pretende rescatar elementos de los cínicos para pensar el presente de las prácticas docentes y problematizar la verdad del maestro dentro y fuera del aula.

Palabras clave: Cinismo; Foucault; Prácticas de enseñanza.

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campi Cornélio Procópio

² Escola Adão Vasco Sottile, Secretaria Municipal de Educação de Cornélio Procópio.

Introdução

Trata-se de uma investigação das práticas de existência como ensino para a vida a partir da qual Michel Foucault trabalha o exemplo dos cínicos, do Cinismo como um conjunto de práticas filosóficas expressas por meio de certas atitudes.

A releitura de *A Coragem da Verdade* (2011), último Curso de Michel Foucault ministrado no *Collège de France* em 1984, revela um caminho possível de resgate dessa questão na relação mestre-discípulo filosófica que encontra reflexões na ideia de Filosofia como armadura para a vida, para um “trabalho contínuo de enformar-se” (FOUCAULT, 2011, p. 141) – assumir e trabalhar uma forma de si mesmo como um processo que aproxima um certo discurso de um conjunto de atitudes.

Esse discurso é verdadeiro, pois se apoia na opinião presente do sujeito expressa pela fala, mas que encontra também apoio naquilo que pensa, é exercido, sempre, em relação a um outro, indispensável, um outro que pactuará com aquele um certo proceder, que implicarão riscos e, sobretudo, coragem para dizer e para ouvir.

Busca-se investigar no conjunto de cinco aulas derradeiras desse filósofo contemporâneo, ministradas no intervalo de um mês – entre 29. fev. e 28. mar. 1984, em cerca de 160 páginas (FOUCAULT, 2011), elementos que aproximem, ofereçam pistas ou mesmo pontilhados para compreender o legado cínico como uma espécie de exercício de uma prática de existência que funcionaria como ensino para a vida. Pretende-se, assim, contribuir no esforço coletivo de interpretação das aulas publicadas na forma de Cursos de Michel Foucault, especialmente quanto a esse último, um tanto quanto enigmático, um tanto quanto revestido de uma solenidade excessiva de espécie de testamento filosófico, de um lado. De outro, espera-se que possa contribuir no sentido de preencher alguns dos pontilhados deixados por esse filósofo francês contemporâneo como modo de compreensão mais apurada do que somos, do que fazemos de nós mesmos e dos outros em relação conosco.

A coragem da verdade

Cuida-se, portanto, de um escrito teórico acerca das possibilidades de reflexão levantadas pelo filósofo francês nesse Curso, mas, por outro lado, diz respeito ao que somos, ao que podemos, ao que dispomos nesse encontro com o outro.

Após retomar uma espécie de eixo de seu trabalho nos últimos anos (prática corrente nesses Cursos) para contextualizar a abordagem do ano em questão, Foucault se prolonga por quatro aulas nessa introdução das primeiras quatro aulas de fevereiro de 1984, primeiro para resgatar o *souci de soi* (cuidado de si) e o *dire-vrai* (dizer-verdadeiro) das práticas de si da Antiguidade e, em segundo, para expor que tanto o Alcibíades quanto o Laques implicam em uma passagem importante, um deslocamento significativo da *parrhesía* da Política para a Ética, de como esse percurso substituir a alma pela vida e auxilia na construção de um certo modo de agir cada vez mais conforme o que se diz e o que se pensa.

O próprio Foucault justifica a escolha pelos cínicos nessa perspectiva:

[...] Parece-me que, no Cinismo, na prática cínica, a exigência de uma forma de vida extremamente marcante – com regras, condições ou modos muito caracterizados, muito bem definidos – é fortemente articulada no princípio do dizer-a-verdade ilimitado e corajoso, do dizer-a-verdade que leva sua coragem e sua ousadia até se transformar [em] intolerável insolência (FOUCAULT, 2011, p. 144).

Articulação de uma vida (*bíos*) com determinada atitude (*éthos*) e um dizer-verdadeiro (*alethurgia*) que não se dirige mais à alma (*psykhé*), mas à essa construção de uma forma estética à existência, esse lapidar de si, a vida como uma obra, como um legado. Foucault esclarecera esse deslocamento da seguinte forma:

[...] Em compensação, no Laques, a partir de um mesmo ponto comum (dar conta de si mesmo e cuidar de si), a instauração de si não se faz mais no modo da descoberta de uma *psykhé* como realidade ontologicamente distinta do corpo, [mas]³ como maneira de ser e maneira de fazer de que se trata – está dito explicitamente no Laques – de dar conta ao longo de toda a sua existência. A maneira como se vive, a maneira como se viveu, é disso que é preciso dar conta, e é isso que se apresenta como o próprio objeto dessa empreitada de prestação de contas (FOUCAULT, 2011, p. 139).

Maneira de viver, forma de existência, modo como se apresentar diante dos outros entre outras atitudes em um processo contínuo de revelação de si, de compreensão de quem se é e com quais elementos se conta para o combate diário, contra nós mesmos em certo sentido, mas fundamentalmente para suprir nossas (de)formações.

³ Colchetes, no emprego do Editor dos Cursos, indicam uma expressão necessária para uma “integração conjuntural ou um acréscimo” (FOUCAULT, 2011, p. XII, Nota).

Um discurso verdadeiro que serve para “dar à sua vida um certo estilo” e que demanda uma “coragem” à essa forma de existência. Foucault procura alguns dos lineamentos de uma história da estética da existência (FOUCAULT, 2011, p. 141), quer dizer:

[...] gostaria de captar, gostaria de tentar mostrar a vocês e mostrar a mim mesmo **como**, pela emergência e pela fundação da *parrhesía* socrática, a existência (o *bíos*) foi constituída no pensamento grego como um **objeto estético**, como um objeto de percepção estética: o *bíos* como uma obra bela (FOUCAULT, 2011, p. 144, grifos nossos).

Aspecto importante da história da subjetividade ocidental, “na medida em que constitui **a vida** como objeto para uma forma de estética”, mas “encoberto também pelo estudo privilegiado essas formas estéticas que foram concebidas para dar forma às coisas, às substâncias, às cores, ao espaço, à luz, aos sons e às palavras” (FOUCAULT, 2011, p. 141, grifo nosso). Isso porque na cultura greco-latina clássica:

[...] é **preciso [lembrar]**, para o homem, sua maneira de ser e de se conduzir, o aspecto que sua existência faz aparecer aos olhos dos outros e aos seus próprios, também **o vestígio** que essa existência pode deixar e **deixará na lembrança dos outros** depois da sua morte, essa maneira de ser, esse aspecto, esse vestígio foram um objeto de **preocupação estética**. Eles **suscitaram** para ele um **cuidado de beleza**, de brilho, de perfeição, **um trabalho contínuo e sempre renovado de informação**, pelo menos tanto quanto a **forma** que esses homens procuraram **dar aos deuses**, aos templos ou à canção das palavras. Essa **estética** é um objeto histórico essencial que **não se deve esquecer**, seja em benefício de uma metafísica da alma, seja de uma estética das coisas e das palavras (FOUCAULT, 2011, p. 141, grifos nossos).

Registro, portanto, da preocupação com o legado e com um cuidado contínuo de si sobre si, impulsionado pelo dizer-verdadeiro, pois, como afirma Foucault, em seguida: “o que eu quis captar [...] foi o momento em que se estabeleceu uma certa relação entre esse cuidado (...) de uma existência bela [...] e a preocupação com o dizer-a-verdade”. Em síntese, “**como o dizer-a-verdade**, nessa modalidade ética que aparece em Sócrates no início da Filosofia Ocidental, **interferiu** com o princípio da existência como **obra**” (FOUCAULT, 2011, p. 141-142, grifos nossos).

A investigação foucaultiana

Foucault contava com cerca de nove meses para as suas investigações em arquivos e a sequência de seu trabalho de pesquisa com fontes originais e outras contemporâneas sobre a Antiguidade. Iniciara um percurso extraordinário em 1982, com o Curso Hermenêutica do Sujeito (2014), para tratar do cuidado de si e, já apontar, o prolongamento dessa investigação nos anos seguintes por meio do dizer-verdadeiro, com o Governo de Si e dos Outros I (2018), em 1983, e II, em 1984 (publicado como A Coragem da Verdade). Com raiz na prática socrática, essa derivação cínica da Filosofia Antiga levou às últimas consequências o dizer-verdadeiro, à custa da própria vida. Esse é o sentido específico da *parrhesía* foucaultiana resgatada como prática de existência.

No Cinismo, ele encontra “alguns traços” que o distinguem da prática socrática:

[...] O cinismo me parece portanto uma forma de Filosofia na qual modo de vida e dizer-a-verdade estão direta, imediatamente, ligados um ao outro. (...) Epicteto explica que o papel do cínico é exercer a função de espia, de batedor. Ele emprega a palavra *katáskopos*, que tem um sentido preciso no vocabulário militar: são pessoas enviadas um pouco à frente do exército para espiar o mais discretamente possível o que o inimigo está fazendo (FOUCAULT, 2011, p. 144-146).

Interessante imagem, a do cínico como um espia. Essa construção de Epicteto, um não-cínico, enviado “além do front da humanidade” com a função de o que pode ser hostil ou favorável ao homem. Nesse sentido, determina “onde estão os exércitos inimigos e onde estão os pontos de apoio ou os auxílios que poderemos achar, encontrar, de que será possível tirar proveito em nossa luta” (FOUCAULT, 2011, p. 146).

É nesse sentido que Foucault completa: “o cínico deve voltar”. Isso porque precisa “anunciar a verdade (*appaggeílai talethê*), anunciar as coisas verdadeiras sem, acrescenta Epicteto, se deixar paralisar pelo medo” – exercício parrhesiástico endereçado aos homens (FOUCAULT, 2011, p. 146).

Mais a frente, Foucault salienta, a partir de outro exemplo de retrato da vida cínica, agora de Luciano sobre um certo Demonaux, que “dizer a todos a verdade [...] faz parte da função e do papel do filósofo”. É nesse sentido, completa, que “o cínico aparece como o *parrhesias profetes* (o profeta da fala franca) (FOUCAULT, 2011, p. 146).

Parrhesía vinculada a certo modo de vida e que consiste, de um lado, em ousadia de dizer a verdade com a coragem necessária para enfrentar o risco (inclusive de morte) face à

reação daquele a quem é endereçada). Interessantíssima, nesse sentido, a cena de permissão requerida por uma das testemunhas da Tragédia de Édipo, diante do príncipe (FOUCAULT, 2018, p. 151-152) – “posso usar de *parrhesía*” – como o significado de “pouparas a minha vida caso o que eu anuncie não seja do teu agrado?” Passagem essa empregada pelo próprio Michel Foucault e designada de pacto parresiástico.

Discurso parresiástico que, em síntese e a partir de Foucault, é um certo modo de ação de si sobre si mesmo, que corresponde ao que se diz e ao que se pensa, sob risco de violenta reação daquele que ouve, mas que produz um certo número de efeitos sobre o sujeito que diz e sobre o interlocutor que ouve essa verdade. Esses efeitos produzem transformações, deslocamentos, readequações no sujeito, mas, é preciso lembrar, dá-se sempre na e por uma relação com o outro, pois “consiste em uma certa maneira de falar, uma certa maneira de dizer a verdade” e “uma maneira de se vincular a si mesmo no enunciado de verdade, de vincular livremente a si mesmo e na forma de um ato corajoso (FOUCAULT, 2018, p. 63-64). Dessa forma:

[...] Eu digo a verdade e penso verdadeiramente que é a verdade momento em que a digo. Esse desdobramento, ou esse redobramento do enunciado da verdade pelo enunciado da verdade, devido ao fato de que eu penso essa verdade e que, pensando-a, eu a digo, é isso que é indispensável ao ato parresiástico. [...] É essencialmente o caráter público dessa afirmação, não apenas o caráter público, mas o fato de que essa *parrhesía* – nem sempre é o caso – se dá sob a forma de uma cena em que você tem: o tirano, diante dele o homem que fala, que se levantou ou que dá a sua lição e que diz a verdade; e, depois, em torno, há os cortesãos cuja atitude varia de acordo com os movimentos, a situação, quem fala, etc. E esse ritual solene do dizer-a-verdade em que o sujeito compromete o que ele pensa no que ele diz, em que atesta a verdade do que pensa na enunciação do que diz, é isso que é manifestado por essa cena, essa espécie de lição, esse desafio (FOUCAULT, 2018, p. 62).

Desafio de dizer a verdade frente ao soberano, sob o risco de vida. Desafio de estar com aquele que possui o poder de tirar-lhe a vida. Cena clássica de tragédias que trazem lições preciosas sobre o como dizer e sobre o como ouvir.

De alguma forma, guardadas as distinções, o estar diante do outro requer um certo número de riscos, além de produzir, sem dúvida, um certo número de efeitos sobre quem fala e sobre quem ouve, incluída a reação que pode ser desencadeada pelo ato parresiástico.

Esse movimento do pensamento filosófico, esse resgate de um processo comunicativo crucial realizado por Foucault tensiona, por outro lado, a discussão acerca dos meios, instrumentos, tecnologias, mecanismos demandados ao ensino pandêmico (vez que não

superada totalmente a pandemia da Covid 19) em meio a uma universidade pública brasileira que, no início desta terceira década, enfrenta o desafio da hibridização de seu ensino ou mesmo da transferência do encontro presencial para o regime de Educação a Distância (EaD), o que defendemos aqui como um não-encontro e, por outro, a própria disposição de nós mesmos de deixarmos a caverna, o conforto e a proteção que ela oferece, para um campo neutro, para a sala de aula institucional.

Em tempos de distanciamento obrigatório, confinados, as instituições educacionais procuraram manter alguma interação com alunos e com os seus familiares. Em boa parte dos casos, o acesso aos meios de comunicação à distância foi bastante limitado, mesmo nas Instituições de Educação Superior (IES) que já realizavam algumas atividades pré-pandêmicas com o auxílio das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC).

A questão é que, passado esse período de dois ou três anos de cuidados mais intensos, a presencialidade das aulas, retomada integralmente na Educação Básica, sobretudo na regular e pública, não o foi integralmente na Educação Superior. Isso porque as IES decidiram manter, ainda que parcialmente e em outras direções, esse hábito de promover atividades sem encontros presenciais. Inúmeros cursos de formação continuada, reuniões e cursos praticamente não existem mais na forma presencial enquanto oferta institucional, em um movimento que, de um lado, é desafiado pela redução da demanda, e de outro, pela concorrência de ofertas de Instituições privadas e públicas por meio de cursos não-presenciais.

Nesse pacote de ajustes, a migração de 40% das aulas dos Cursos presenciais para a Não-presencialidade associada a não-simultaneidade das ações – ou seja – aulas gravadas que possam ser ouvidas, sem interação, em qualquer momento do dia pelo aluno – o que diz respeito às práticas que ficaram conhecidas como próprias da Educação a Distância, que substitui também o professor por um tutor que responde de modo *online (chat)* ou remoto (*e-mails*, fóruns e outros dispositivos) eventuais questões. Portaria n. 2.117 de 06 de dezembro de 2019, do Ministério da Educação, que ampliou de 20% para 40%⁴, sem qualquer consulta ao Conselho Nacional de Educação (CNE) e mesmo aos educadores e alunos, ainda no pré-pandemia.

Daí a importância de considerarmos se – aquela coerência de vida – que alia discurso, pensamento e prática filosófica em uma existência bela pode ser construída por meio desses

⁴ Portaria MEC n. 2.117, de 6 de dezembro de 2019, art. 2º. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.117-de-6-de-dezembro-de-2019-232670913> (acesso em 31.jul. 2023). Essa norma substituiu a Portaria MEC n. 1.428, de 28 de dezembro de 2018 que fixara em 20% esse limite. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=108231-portaria-1428&category_slug=fevereiro-2019-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 31. jul. 2023.

mecanismos, no que seriam processos formativos que negam o encontro como meio de realização dessas aulas, investindo em um autodidatismo no mínimo duvidoso após uma escolarização média na Educação Básica precária, desassistida e solitária, que beira a um quase abandono de crianças e de adolescentes, por pais e professores.

De outra forma, que ideia de formação pode ser realizada como aprendizagem para a vida a partir dos Ensino Remoto, a Distância, autodidata, que anula a possibilidade de estar com o outro, de formar-se em relação, de, inclusive, (des)aprender por meio da partilha com, necessariamente, um outro ser humano.

A contribuição de Bárcena e de outros a partir desse último conjunto de atos filosóficos

O encontro, com Bárcena (2020), pode ser pensado como uma atividade de ensino em meio à rua, em campo aberto, desprovido de quaisquer proteções inerentes ao exercício da docência. É impressionante a força dessa narrativa que resgata, com sensibilidade e beleza, um percurso filosófico, formativo, coletivo, rico de experiências. Isso porque a “Pedagogia da Presença” que desenvolve, prescinde do humano.

São essas mesmas experiências que são negadas em um novo modelo, pós-pandêmico, de Educação, incluída a formação de futuros professores, cada vez mais (de)formados pela não presencialidade, pela impessoalidade de repositórios de gravações, textos e testes avaliativos. Pelo descuidado com os estágios supervisionados que são, facilmente, reduzidos à elaboração de relatórios, leituras, resenhas e outras atividades solitárias e que, mesmo nos cursos ainda presenciais, limitam o tempo de escola, em sala de aula, ao mínimo possível quando essa experiência é essencial.

Isso tensiona, por outro lado, a discussão acerca dos meios, instrumentos, tecnologias, mecanismos demandados ao ensino pandêmico (vez que não superada totalmente a pandemia da Covid 19) em meio a uma universidade pública brasileira que, no início desta terceira década, enfrenta o desafio da hibridização de seu ensino ou mesmo da transferência do encontro presencial para o regime de Educação a Distância (EaD), o que defendemos aqui como um não-encontro.

Pandemia, reorganização do Ensino Presencial em formato Não-Presencial e Híbrido Subsequente. O que, nesse sentido, a experiência do isolamento produziu em nós? Isolamento continuado favorecido por possibilidades tecnológicas que permitem resolver certas questões sem encontros ou, na verdade, a maioria delas. Quanto à experiência formativa, são escassas as

ofertas presenciais ainda para aqueles que se descobriram como necessitados dessa relação fatural com o outro. O apelo à concorrência, a tentação dos números crescentes de alunos em contraposição à escassez de novas matrículas e aos custos continuamente reduzidos de formações a distância apresentam neste terceiro ano da terceira década do século XXI uma espécie de renovação de temores de meados do século XX, quando autores como Simondon (2020) e Ellul (1968), entre outros filósofos da Técnica, trabalharam a questão do “medo de substituição do homem pela máquina”, do papel da técnica como “próteses da natureza” (SANTOS, 1997) e da aceleração do descarte de humanos em face das “inteligências artificiais”.

Cinismo filosófico e negação do encontro: considerações finais

Dessa forma, pretende-se resgatar elementos dos cínicos para pensar o presente das práticas de ensino e problematizar o dizer-verdadeiro do mestre dentro e fora da sala de aula.

Esses novos tempos de Educação brasileira demandam o encontro. São importantes as reflexões realizadas durante o isolamento quanto aos males que provocou, sobretudo na vida social e, também, quanto às soluções que fomos capazes de criar para a impossibilidade de encontros, como entregas em domicílio, aulas síncronas remotas, atividades assíncronas e disponíveis continuamente, redução de custos com deslocamentos maiores que os tempos de reuniões, mas, enfim, tudo tem limite e não pode inviabilizar a constante formação de nós mesmos em relação.

Isso porque a armadura de vida preparada pela Filosofia, encarnada pelos cínicos e que, de algum modo precisamos fazer uso, especialmente a partir de um discurso verdadeiro que possibilite, finalmente, o alinhamento entre o que pensamos, consideramos, dizemos e agimos, a fim de que a coerência necessária entre o que sou e o que faço, sobretudo na relação com o outro, tenha aquela beleza, aquela preocupação presente entre os gregos antigos, com a estética, com a beleza da vida, da existência, dos desafios contínuos de construirmos, juntos, processos educativos significativos, não apenas escolares, mas que nos preparem continuamente para os obstáculos da vida.

Essa é a lição principal de Foucault nesse último Curso – A Coragem da Verdade – precisamos ser corajosos para retomar os encontros, para não permanecermos “na caverna” e para (re)descobrir a beleza e as possibilidades de estarmos e de caminharmos juntos. Enfrentar, com coragem, tais obstáculos demanda o desejo de trilharmos essa estrada, sem temor, com os

instrumentos que formos capazes de reunir, mas sempre juntos. Da Política para a Ética, o deslocamento realizado por Foucault na companhia de Sócrates, Epicteto, Luciano, Demonaux, entre outros, salienta que a constituição de um *éthos* depende de relações fundamentais, como as de ensino-aprendizagem que construímos, polimos e nas quais investimos diariamente.

Referências

- BÁRCENA ORBE, Fernando. **Maestros y discípulos**. Madrid: Ápeiron Ediciones, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n. 2.117, de 6 de dezembro de 2019**. Brasília: DOU, Edição n. 239, de 11.dez. 2019, Seção 1, p. 131. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.117-de-6-de-dezembro-de-2019-232670913>. Acesso em: 31. jul. 2023.
- ELLUL, Jacques. **A técnica e o desafio do século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Governo de si e dos outros**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SIMONDON, Georges. **Do modo de existência dos objetos técnicos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

Sobre o autor e a autora

David da Silva Pereira: Bacharel em Geografia, Ciências Sociais e Direito. Licenciado em Geografia, Ciências Sociais, Pedagogia e Filosofia. Mestre em Geografia Humana e em Educação. Doutor em Ciência Política (IFCH, Unicamp, 2013). Pós-Doutor em Filosofia e História da Educação (FE-Unicamp, 2017-2018) com Estágio Pós-Doutoral na *Université Paris 8 (Vincennes-Saint Denis)*, com bolsa CAPES-COFECUB (2017-2018).
E-mail: davidpereira@utfpr.edu.br.

Silvana Dias Cardoso Pereira: Graduada em Letras (Português e Alemão), em Direito e em Pedagogia. Pós-Graduada em Educação - Mestrado e Doutorado - Faculdade de Educação da Unicamp, em 2007 e em 2021, Secretaria Municipal de Educação de Cornélio Procopio, Paraná. Grupo de Pesquisa Observatório de Políticas Públicas - UTFPR-CP (vice-líder).
E-mail: pereirasilvana319@yahoo.com.br.

Recebido em: 31 jul. 2023
Aprovado em: 05 nov. 2023